

O golpe dos burros

LIVRO O sociólogo potiguar Jessé Souza vira best seller em terra arrasada e sustenta em *A Elite do Atraso* que a herança escravista estrutura o Brasil até a Lava Jato

A PEDRO ALEXANDRE SANCHES

Há um intruso nas listas de livros mais vendidos no Brasil em 2017 no setor de não ficção, oligopolizado por padres escritores, ídolos adolescentes do YouTube e obras de autoajuda. Ele ostenta o vistoso título de *A Elite do Atraso – Da Escravidão à Lava Jato*. Foi escrito pelo sociólogo potiguar Jessé Souza, de 57 anos, cujo pensamento teórico tem ultrapassado os muros da academia desde 2015, quando ocupou a presidência do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) sob Dilma Rousseff, até a interinidade de Michel Temer, em maio de 2016.

Com 18 mil exemplares vendidos em menos de três meses, *A Elite do Atraso* consolida a aceitação dos provocativos *A Tolice da Inteligência Brasileira* ou *Como o País Se Deixa Manipular pela Elite* (Leya, 2015), com 28 mil exemplares vendidos até hoje, e *A Radiografia do Golpe – Entenda Como e Por Que Você Foi Enganado* (Leya, 2016), com 20 mil cópias, ambos produzidos no calor do processo político que virou o Brasil de ponta-cabeça. *A Elite do Atraso* é o único título à esquerda em rankings da situação como o da revista *Veja*, e foi eleito livro de não ficção de 2017 pelos consumidores do site Amazon, à frente de um guru de direitistas locais, Ludwig von Mises.

Imodesto, Jessé admite o desejo de fixar um novo paradigma no pensamento sociológico brasileiro, que explique nossa histórica desigualdade social em razão não mais da corrupção, como prefere o pensamento



Os três títulos mais recentes de Jessé venderam 65 mil cópias

dominante nestes dias de Lava Jato, mas da herança escravista que tópicos como a “reforma trabalhista” de Temer trouxeram para a mais gritante atualidade. “O golpe foi um golpe de escravocratas”, afirma. O ponto de vista das camadas populares é o que ele diz procurar.

CartaCapital: Como *A Elite do Atraso* conseguiu se tornar best seller com uma abordagem contra-hegemônica, neste momento adverso, sob golpe?

Jessé Souza: O golpe, em termos teóricos, foi perceptível num nível mais concreto, mas não existia uma leitura mais abstrata, ampla e aprofundada sobre o processo à medida que ele estava sendo realizado. As mesmas ideias sobre o que é o Brasil sempre dominaram a direita e a esquerda

entre nós. No golpe, as ideias que fizeram com que ele acontecesse perderam a validade. A crise tem essa característica, aquilo tudo que parecia sólido de uma hora para a outra não é mais. Por que a classe média atuou contra os seus próprios interesses, como lacaia da elite? O que eu fiz foi passar isso da linguagem acadêmica para uma linguagem da esfera pública. Tive muita crítica dos meus colegas da academia, como se fosse uma questão de bons tratos, “você foi muito bruto”. O jogo entre ideias não é um salamaleque de salão, um chá das 5. Essas ideias humilham, desempregam, produzem extraordinário sofrimento e miséria.

Classicamente, a academia só recebe o que é novo quando ou está muito velho ou já morreu. Todo o campo social é montado assim, para se reproduzir, para viver mil anos. Ele age contra a novidade, com as estratégias de silenciar ou ridicularizar. Fui chamado de Olavo de Carvalho da esquerda por um de meus colegas. Eu tinha uma voz heterodoxa dentro do campo científico, mas não era uma voz dominante. Com minha saída do campo científico para o debate público, a partir do Ipea, fiquei alguns meses como uma voz de defesa do governo. O próprio PT dava apoio à Lava Jato em 2015, dá até hoje. E eu já achava aquilo um embuste, uma máscara nova do jogo velho. Aquele negócio de junho de 2013 também. Quando a direita entrou, era a fração da classe média mais conservadora, que sempre votou contra e agora está



“De repente, a emissora cortou o sinal da programação nacional do SBT e colocou no ar um discurso do ex-presidente José Sarney. Por 30 minutos, a população o viu pedir votos para a jovem Roseana - fora do horário eleitoral permitido”

ELVIRA LOBATO
(Em *Antenas da Floresta - A Saga das TVs da Amazônia*, Ed. Objetiva)



Em *Um Jantar Brasileiro*, (1827), de Debret, uma imagem que a casa-grande luta para preservar em 2018

sendo chamada de povo. Esse é o povo da elite, desde 1930. É o povo para combater o povo, o arremedo de povo que botam na rua, branco, com mais de 20 salários mínimos etc. É uma corja.

CC: Qual é o paradigma de Brasil que precisa ser excedido?

JS: Tem a ver com a nossa noção de patrimonialismo. Todo mundo fala de patrimonialismo, da esquerda à direita. E é uma bobagem, sob todos os aspectos. Patrimonialismo, personalismo e populismo formam uma visão do Brasil. E não é uma visão que fica só nas universidades e nos livros. Estou interessado no efeito social das ideias, na eficácia social delas, para depois legitimar e justificar coisas que

serão feitas para 200 milhões de pessoas. As ideias decidem vidas, e essas ideias não servem para moldar uma sociedade que seja efetivamente mais igualitária.

A minha ambição é, sim, criar um novo paradigma, porque não existe nenhum que seja das classes populares. Sempre

“Sempre achei a Lava Jato um embuste, uma máscara nova do jogo velho”, diz

foi a direita que estabeleceu os paradigmas. A ideia de Brasil não foi montada em 1500, foi montada em 1930, em São Paulo. Gilberto Freyre deu o pontapé inicial, mas não foi a ideia de Freyre que venceu. Freyre foi apropriado pela direita de São Paulo, com Sérgio Buarque de Holanda. Houve uma ruptura superficial. Os dois trabalham com os mesmos pressupostos, de que o brasileiro é emotivo, o animalizado nessa hierarquia, e os europeus e americanos são a racionalidade, o espírito. Veja que coisa idiota, dizer que o americano não é corrupto, quando montou o maior esquema de corrupção do mundo. Essas hierarquias são inconscientes na nossa cabeça, e têm sempre a ver com a



“Venho de uma família muito pobre, retirante. O estudo foi a válvula de escape para trabalhar a experiência brutal de humilhação de meu pai”, diz Jessé

oposição entre corpo e espírito. O homem é percebido como espírito, a mulher como corpo. O branco como espírito, o negro como corpo. As culturas do Norte como espírito, as do Sul como corpo. É esse nível implícito que faz com que ao fim e ao cabo se possa dizer na televisão, sem ser ridicularizado, que é melhor a gente entregar a Petrobras, porque somos um povo de corruptos e temos de entregar aos povos que são superiores.

CC: Quanto ao lugar de São Paulo, a Revolução Constitucionalista de 1932 venceu na cultura e nas ideias?

JS: Perfeito, eu nunca tinha pensado nesses termos. E aí não é a elite de São Paulo como sendo pior ou melhor. Aqui é a cidade onde se decidem todas as brigas, sejam políticas, econômicas ou intelectuais. Quando São Paulo perde o poder político para o Rio Grande do Sul, para Vargas, o que faz? Perdi o poder político, então vou construir o poder ideológico, baseado nessas ideias, em universidades que vão depois influenciar o Brasil inteiro.

A elite paulista perdeu militarmente, fugiu do campo de batalha, mas ganhou ideologicamente. Quer dizer, foi muito mais inteligente. A esquerda sempre tomou na cabeça, porque o que conseguiu fazer não foram ideias, foram iniciativas. Foi usar o Estado de uma forma que seja não só para a elite. Isso ficou, mas esse dado foi envenenado, porque se estigmatizou o Estado. A imprensa sempre foi venal e comprada, a gente tem sempre que pensar nisso, porque senão ficamos achando que é Temer. Temer é um lacaio, um *office boy*. É mesquinho, uma pessoinha, tem 30 centímetros. Só tem importância porque é lacaio e cumpre cegamente o que a fração financeira determina.

CC: Por que chama essa estratégia de inteligente?

JS: Quando pensa a curto



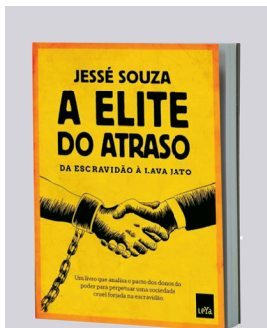
prazo você é burro, quando pensa a longo prazo é inteligente. O golpe é uma burrice, porque foi pensado a curto prazo. Está completamente deslegitimado agora. Quem tocar está contaminado, porque foi um golpe burro. A elite atual é burra, vai ter de ficar com uma mentira, e a mentira pode ser muito indigesta. A imprensa do Brasil está precisando se redefinir. A revista *Veja* já chamou uma outra pessoa, a Globo não sabe o que faz porque está com essa mentira o tempo inteiro e perdendo credibilidade. Você é imbecil se é dono de uma grande tevê ou jornal e não sabe que seu capital é a credibilidade.

O que sinto é que a esquerda tem um grande potencial aqui, para minar esse discurso. Pelo discurso você pode inclusive reconquistar a classe média, a parte do povo que foi jogada no colo do Bolsonaro pela ação irresponsável da Rede Globo e da Lava Jato. Bolsonaro foi criado pela Lava Jato e pela Globo, que criminalizaram não apenas o Estado, mas a noção de igualdade. É tudo mentira. Patrimonialismo não existe, a corrupção política é a corrupção da gorjeta, do lacaio, do aviãozinho do

tráfico. A corrupção real está em outro lugar. A boca de fumo é a intermediação financeira e os oligopólios de comunicação, porque um rouba e o outro fraudava e mente. O que percebi é que essa reeleitura só vai ter impacto se eu reconstruir pela esquerda, pela luta de classes. Não é a forma de Estado que recebe de Portugal que é o principal. É a escravidão, meu Deus. O que fiz foi ligar a escravidão à continuidade dela no ódio ao pobre, que está marcada no golpe. Essa classe média não saiu às ruas por conta da corrupção. Hoje isso fica óbvio. A raiva ao PT era por conta de que, se não era pela corrupção? Então foi porque o PT diminuiu um pouquinho as distâncias entre as classes. Isso é escravismo. Nada é mais escravocrata do que odiar o pobre. É a vítima, alguém que você está explorando e que é frágil, e que você odeia, acha bom quando a polícia assassina. Imagine isso.

CC: O que, na sua história, produziu o seu desejo de mudar paradigmas?

JS: Sou um nordestino, venho de uma família muito pobre, retirante. Meu pai era sargento do Exército. Parte da minha família ficou rica, mas nós éramos os primos pobres. Meu pai sofria humilhação. O estudo foi a minha válvula de escape, como é para a grande maioria. Vi como a arma com a qual eu podia trabalhar essa experiência brutal da humilhação do meu pai, que é minha também. •



A ELITE DO ATRASO DA ESCRAVIDÃO À LAVA JATO

Jessé Souza. Leya, 240 págs., 45 reais